

# Como se trava a perda de meio milhão de jovens? Com mais emprego

Os jovens de hoje ganham menos do que os de há dez anos. E a diferença de salário para os pais aumentou. Mais pobres e sem trabalho, muitos emigraram, debilitando o país na sua capacidade de renovação

**Demografia**  
Samuel Silva

A perda de meio milhão de jovens residentes verificada na última década foi acelerada pela emigração. Sociólogos também coincidem numa possível solução: só criando emprego será possível travar esta tendência.

As opiniões de jovens e de especialistas também coincidem numa possível solução: só criando emprego será possível travar esta tendência.

Os indicadores compilados pelo INE para assinalar o Dia Internacional da Juventude, que se assinala hoje, mostram que os habitantes entre os 15 e os 29 anos valem 17% do total de residentes no país, o número mais baixo desde que há estatísticas oficiais. Este dado é fruto da perda de quase meio milhão de pessoas registada ao longo da última década - como tinha sido revelado pelos Censos de 2011. Os dados "alimentam a sensação de que todos os anos perdemos milhares de jovens", afirma a presidente do CNJ, Joana Lopes.

Para os especialistas contactados pelo PÚBLICO, há dois factores decisivos: a quebra demográfica, verificada na geração dos pais destes jovens, e a emigração, em crescimento nos últimos anos. "São essas duas tendências que explicam este resultado", afirma o vice-coordenador do Observatório Permanente da Juventude da Universidade de Lisboa, Vítor Sérgio Ferreira. Esta combinação resulta num "cenário muito perigoso para o país", que devia "fazer soar muitas campainhas", avalia por seu lado Pedro Góis, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que se tem dedicado ao tema das migrações.

Se o envelhecimento da população é uma tendência "que já se vivia desde os anos 1980", lembra Vítor

Sérgio Ferreira, a perda de habitantes no país na faixa etária até aos 30 anos foi "acelerada pelo fenómeno da emigração", argumenta. E esta é uma realidade que é uma "novidade", sobretudo "pela sua escala", acrescenta Pedro Góis.

Segundo o INE, em 2012, emigraram 53 mil jovens de Portugal. Destes, cerca de 26 mil fizeram-no de forma permanente, o que representa metade do total de emigrantes permanentes que nesse ano deixaram o país. A relevância dos jovens neste contingente aumentou 14,5 pontos percentuais face ao ano anterior. No mesmo período houve ainda 27 mil jovens que emigraram de forma temporária (39% do total nacional).

"Mas não são só os números que nos falam. Todos nós temos familiares e amigos constantemente a sair de Portugal", prossegue Joana Lopes. Essa realidade é "consequência da fase económica que o país está a atravessar", considera.

A análise é validada por Pedro Góis e Vítor Sérgio Ferreira e os dados do INE apontam no mesmo sentido. Esta geração representa 32% dos desempregados em Portugal. Na população empregada, a participação deste grupo etário é bastante mais reduzida, representando apenas 15,5% do total. Assim, a taxa de desemprego dos jovens dos 15 aos 29 anos é de 26,3%, quase o dobro da taxa de desemprego total (14,8%).

## Ganham cada vez menos

Ainda no mercado de trabalho, o INE mostra como os jovens ganham cada vez menos em comparação com outros grupos etários, quando trabalham por de outrem. O rendimento salarial médio mensal líquido da actividade principal dos jovens trabalhadores foi, em média, entre 2011 e 2013, inferior em 23,2% ao da generalidade dos trabalhadores por conta de outrem. Enquanto a população com menos de 30 anos ganha 622 euros, os colegas mais velhos recebem 810. "Esta diferença tem vindo a agravar-se sucessivamente desde 2002", sublinha o relatório divulgado pelo INE, indicando que

## Retrato-robot do jovem em extinção

Jovens em Portugal em 2011  
**1.803.391**

**80%**

A esmagadora maioria sabe pelo menos uma língua estrangeira



**98%**

usam computador

**15%**

Têm um curso superior mas o abandono precoce de educação é mais elevado:  
**18,9%** na faixa 18-24 anos



Um em cada três desempregados do país é um jovem entre os 15 e os 29 anos



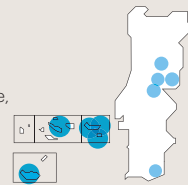
Um em cada quatro jovens entre os 16 e os 24 anos encontra-se em risco

São estrangeiros  
**106.474** (5,9%)

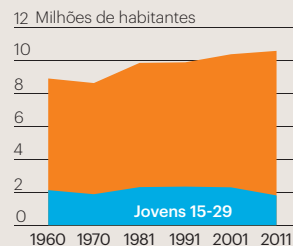
Salário médio mensal líquido de um jovem, 2011-2013  
**622€**

Em 2002  
549€  
↓ **-23,2%** do que os adultos

Os municípios com maior proporção concentram-se nas regiões autónomas e no norte litoral; pelo contrário, o interior norte, interior centro e interior algarvio apresentam menor peso de jovens

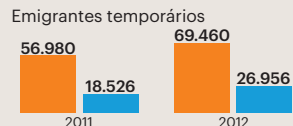
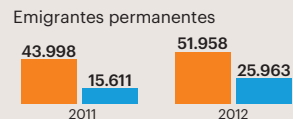


## Evolução da população total e do número de jovens

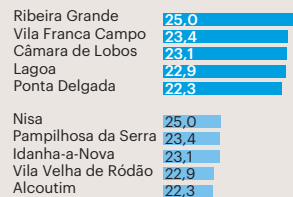


## Emigrantes permanentes e temporários por grupo etário

Total Portugal (laranja) Total 15-29 anos (azul)



## % de jovens entre os 15-29 anos



## Por grupos etários

	15-19	20-24	25-29
	<b>565.250</b>	<b>582.065</b>	<b>656.076</b>

Sexo (%)	15-19	20-24	25-29
	51%	50,3%	49,5%
	49%	49,7%	50,5%

Vive com a família (pelo menos um dos pais)	15-19	20-24	25-29
	93%	74,3%	41,6%

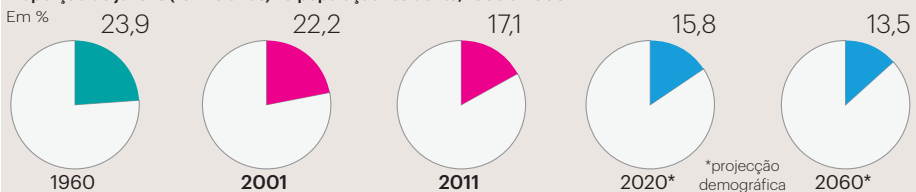
Casados	15-19	20-24	25-29
	0,4%	6,2%	26%

Emigraram em 2012	15-19	20-24	25-29
	<b>4387</b>	<b>10.563</b>	<b>11.022</b>

Saíram do país por um período superior a três meses mas inferior a um ano	15-19	20-24	25-29
	6370	11.667	8919

Frequenta o ensino secundário ou pós-secundário ou superior	15-19	20-24	25-29
	63,4%	71,4%	68,9%

## Proporção de jovens (15 - 29 anos) na população residente, 1960 a 2060



Fonte: Censos 1960 a 2011; Projeções Demográficas 2020-2060

há uma década a diferença salarial média era de apenas 13,5%.

As dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e as desigualdades para aqueles que conseguem ter emprego contribuem, em parte, para outra realidade patente nas estatísticas oficiais: um quarto da população entre 16 e 24 anos encontra-se em risco de pobreza. De acordo com o INE, cerca de 25,6% dos jovens desta faixa etária residiam em agregados familiares com um rendimento abaixo do limiar de pobreza.

Os dois sociólogos ouvidos pelo PÚBLICO concordam, por isso, que a primeira resposta tem de surgir no campo económico, sobretudo no mercado do trabalho.

“São precisas medidas de incentivo ao emprego jovem”, defende Pedro Góis. Mas, alerta o investigador da Universidade de Coimbra, “não pode ser um emprego qualquer”: “Se a oferta que exista for de salários muito baixos, eles vão-se embora na mesma”.

## **A primeira resposta tem de surgir no mercado laboral. “É preciso incentivar o emprego jovem”, diz Pedro Góis. “Mas se a oferta for de salários baixos, eles vão-se embora na mesma”**

A emigração dos jovens não pode ser vista como um problema por si, avalia, porém, Pedro Góis. “O facto de as pessoas saírem do país é positivo. Não podemos é deixar que se quebrem os laços”, defende. E a situação é particularmente grave porque muitos destes jovens “saem tristes com Portugal”. Para o mesmo sociólogo da Universidade de Coimbra, o país deve criar condições para fazer regressar estes jovens, até porque daí resultariam mais-valias em termos de organização dos serviços públicos e competitividade da economia: “Podemos aprender com o que eles já aprenderam lá fora”.

Vítor Ferreira, do Observatório Permanente dos Jovens, chama a atenção para outra questão: o desfasamento entre as qualificações

dos jovens e do mercado de trabalho. O INE destaca que a percentagem de jovens com curso superior passou de 8,3% em 2001 para 14,9% em 2011, mas o acesso ao primeiro emprego nunca foi tão difícil.

### **Sem salário, sem filhos**

“Vivemos muitos anos numa lógica de economia de mão-de-obra barata. Apesar da evolução que houve, o mercado laboral não acompanhou com a rapidez necessária o investimento feito nas qualificações, sobretudo o investimento público no ensino superior”. O investigador da Universidade de Lisboa lamenta, por isso, que a questão esteja a ser vista pela perspectiva errada, tratando-se a questão como se fosse “um problema de oferta formativa, restringindo-a”.

As propostas da CNJ vão no mesmo sentido. A comissão vai lançar, depois do Verão, uma “campanha pelo trabalho digno”, apostando em informar os jovens sobre os direitos laborais e tentando sensibilizar as empresas para as vantagens de dar oportunidades aos trabalhadores mais novos. A iniciativa terá também uma componente política, com propostas ao governo. Aquele organismo está, para isso, a preparar uma publicação, a lançar em Outubro, na qual se traça o “estado da arte” do mercado laboral para os jovens e se apresenta um conjunto de recomendações de políticas públicas.

A quebra da natalidade foi registada na geração dos pais destes jovens, mas os indicadores do INE revelam que essa tendência dificilmente será invertida. Os jovens casam cada vez mais tarde e aumentou o número dos que vivem com os pais até aos 30 anos: em 2011, 68,3% residiam com pelo menos um dos pais, ao passo que 21,5% tinham constituído a sua própria família.

“Ter filhos é uma responsabilidade para o resto da vida”, sublinha a presidente do CNJ. “O facto de a vida ser tão instável, sobretudo do ponto de vista profissional, torna difícil pensar em ter filhos”, defende Joana Lopes. A dimensão do problema demográfico não se resolve facilmente, até porque mesmo que esta geração “começasse agora a ter filhos, teria que ter muitos para garantir uma inversão desta realidade”, mas a falta de estabilidade está a comprometer os desejos da população mais jovem, considera: “Não tenho é dúvidas de que a grande maioria dos jovens quer ter filhos.”